



Presidente da Rússia defende envio urgente de missão da Agência Internacional de Energia Atômica à central de Zaporizhzhia e acusa a Ucrânia de bombardear a instalação. Kiev afirma que Moscou armazena armas pesadas no local. Ocidente teme catástrofe

Putin aceita inspeção em usina nuclear

» RODRIGO CRAVEIRO

Em conversa telefônica, os presidentes Vladimir Putin (Rússia) e Emmanuel Macron (França) avalizaram o envio de inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica (AIEA) à central nuclear de Zaporizhzhia, no centro-sul da Ucrânia. A usina atômica foi alvo de bombardeios, pelos quais Moscou e Kiev se acusam mutuamente. O Kremlin admite que a comitiva da AIEA terá a meta de “avaliar a situação real no terreno”. A Organização das Nações Unidas (ONU) advertiu sobre o risco de uma catástrofe nuclear, caso um dos reatores seja atingido. O secretário-geral António Guterres disse que qualquer dano à usina seria “suicídio” e instou o fim das atividades militares na área. Ele também pediu à Rússia que não desconecte a central da rede de energia elétrica ucraniana. “Obviamente, a eletricidade de Zaporizhzhia é energia elétrica ucraniana... Este princípio deve ser plenamente respeitado”, defendeu.

O próprio Putin reconheceu o perigo de um acidente nuclear, ao destacar que o Exército da Ucrânia bombardeia “sistematicamente” o território de Zaporizhzhia, ocupado pelas forças russas. O governo francês admitiu que Putin aceitou a passagem da missão de verificação pela Ucrânia, “respeitando-se a soberania ucraniana”. Imagens de satélite mostraram caminhões do Exército russo estacionados ao

Dimitar Dilokoff/AFP



Socorristas do Ministério de Emergências da Ucrânia simulam resposta a desastre nuclear, em Zaporizhzhia

lado das turbinas de um dos reatores da usina.

Em entrevista ao **Correio**, John Erath — diretor de Política Sênior do Centro para Controle de Armas e Não Proliferação (em Washington) — disse esperar que os inspetores da AIEA sejam capazes de visitar o local e avaliar a situação de forma adequada. “Houve dificuldade em planejar uma visita porque a Rússia insistia em reconhecer o seu direito de controlar a área, que, legalmente, faz parte da Ucrânia. A

usina nuclear se situa perto da linha entre a ocupação russa e a Ucrânia livre. Por isso, existe a possibilidade de combates na região enquanto as tropas russas permanecerem ali”, disse.

Segundo Erath, a proibição de acesso dos observadores internacionais impedia, até o momento, que o Ocidente tivesse uma visão clara sobre as condições de Zaporizhzhia. “Parece que os russos colocaram equipamentos militares dentro da central nuclear, sabendo

que a Ucrânia não atacaria as instalações, ante o risco de um desastre ambiental. É uma medida altamente irresponsável, pois as consequências da liberação de radiação seriam severas”, advertiu.

O especialista em não proliferação nuclear sublinhou que a Ucrânia não tem interesse em nenhuma manobra que precipite uma catástrofe radioativa. “A Rússia, por sua vez, busca ocupar porções do território ucraniano e forçar um colapso do governo

Eu acho...

“Há relatos não verificados de que a Rússia estaria planejando destruir a usina nuclear, em vez de permitir o controle da Ucrânia. Isso levaria a um desastre ambiental inimaginável. Comandantes que queimaram cidades, para não permitir que caíssem nas mãos de inimigos, são celebrados como heróis da história russa. A situação em Zaporizhzhia permanece

Arquivo pessoal



incerta, em parte porque a AIEA e outros monitores internacionais não tiveram acesso à central nuclear. Uma supervisão internacional deveria ocorrer o mais rápido possível.”

John Erath, diretor de Política Sênior do Centro para Controle de Armas e Não Proliferação (em Washington)

democraticamente eleito da Ucrânia, que seria substituído por um regime sob influência de Moscou. O controle dos suprimentos de energia ajudaria o Kremlin nesse sentido”, disse Erath.

Ele não descarta que a Rússia utilize a possibilidade de um ataque da Ucrânia como pretexto para desconectar Zaporizhzhia da rede ucraniana, o que privaria o país de 20% de sua eletricidade. “O inverno está chegando. Milhares de civis poderiam morrer de fome ou congelados. Incapaz de atingir seus objetivos no campo de batalha, a Rússia pode transformar o inverno em arma”, acrescentou Erath.

Morador da cidade de Zaporizhzhia, a cerca de 100km da usina nuclear, o advogado Hryhori Nemchenko mostra-se cético em relação à inspeção das

instalações. “Eu não acredito que os funcionários da AIEA terão a oportunidade de conferir a situação real da central atômica. Mas, a ameaça continua, ainda que hoje não tenhamos visto sinais claros de detonação ou de bombardeio pesado da usina nuclear”, disse à reportagem. Nemchenko também considera possível que a Rússia tente desconectar o suprimento de certas regiões da Ucrânia, cujas consequências serão graves durante o inverno. De acordo com ele, forças russas se movem ativamente na área da usina nuclear. “As autoridades ucranianas estão preocupadas com a deterioração da situação em 24 de agosto, Dia da Independência da Ucrânia. A Rússia pode adotar ações inesperadas”, alertou Nemchenko.

FINLÂNDIA

Em meio a polêmica, premiê se submete a teste toxicológico

A divulgação de fotos e de vídeos em que Sanna Marin aparece se divertindo em festas e em festivais de música levou a primeira-ministra de 36 anos a uma medida radical. “Nos últimos dias, houve acusações bem sérias, na esfera pública, de que usei narcóticos. Considero tais

alegações muito sérias e pesadas. Para minha proteção legal — embora considere irracional a exigência — e para apagar tais dúvidas, fiz hoje o teste de detecção de drogas”, declarou. “Não fiz nada ilegal. Mesmo na minha adolescência, não usei nenhum tipo de droga”, acrescentou a chefe de

governo mais jovem do mundo, que não escondeu a irritação pelo vazamento dos vídeos por parte da oposição.

“Esses vídeos são privados e filmados em um espaço privado. Eu me resinto que tenham se tornado conhecidos do público”, lamentou Sanna. Mikko Karna, parlamentar da oposição, pressionou a premiê a se submeter à testagem. “Apenas por causa do debate público, seria sensato que a primeira-ministra Sanna Marin

Roni Rekomaa/Lehtikuva/AFP



Sob pressão, Sanna Marin afirmou que jamais usou entorpecentes

passasse, de forma voluntária, por uma triagem de drogas, cujos resultados seriam divulgados por um órgão independente. As pessoas esperam isso de seu primeiro-ministro”, escreveu no Twitter.

Dois vídeos causaram polêmica. Em um deles, supostamente retirado de alguma rede social, a premiê dança e canta em uma casa noturna. Na segunda gravação, divulgada ontem, a líder dança, abraçada, com o popstar finlandês Olavi Uusivirta, que

beija-lhe o pescoço. A filmagem foi feita em uma sala VIP de um restaurante de Helsinque, em 6 de agosto passado. Ao ser questionada se estava em condições de tomar decisões importantes naquela noite, Sanna disse que sua “capacidade de funcionar era muito boa”. Ela garantiu que consome álcool de forma “moderada”. “Eu caminhei normalmente do restaurante para o carro e fui para casa, e acordei me sentindo normal na manhã seguinte.”

Conexão diplomática



por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

O muro ficou mais estreito

Seis meses de guerra na Ucrânia, com todos os desdobramentos em diferentes esferas das relações internacionais — desde a economia até a segurança alimentar e energética —, já seriam o bastante para desenhar um panorama externo desafiador para o Brasil em 2023. O governo a ser eleito em outubro, seja qual for, terá pela frente, também, o acirramento progressivo das tensões entre EUA e China.

Depois da controversa visita da presidente da Câmara dos Deputados norte-americana a Taiwan, nesta semana Washington anunciou para os próximos meses a

abertura de negociações comerciais formais com o governo da ilha. O regime comunista de Pequim considera Taiwan uma província rebelada, a ser reintegrada ao país, e ameaça impedir com a força, se necessário, qualquer tentativa de formalizar a independência.

Combinados, os dois movimentos — na Europa e no Pacífico — apontam na direção de uma nova polarização geopolítica, com elementos semelhantes aos da Guerra Fria do século 20 entre os EUA e a hoje extinta União Soviética. Da perspectiva brasileira, a consolidação da parceria entre Moscou

e Pequim, como contraponto a Washington e seus aliados da Otan, recoloca o debate estratégico sobre a inserção internacional.

Considerando os dois favoritos na corrida ao Planalto, o presidente Jair Bolsonaro anunciou desde a campanha vitoriosa de 2018 a opção preferencial por um realinhamento com o Ocidente. Lula vem de se reunir com os embaixadores dos países sócios no Brics — Rússia, China, Índia e África do Sul — e reafirmar a orientação que seguiu nos oito anos de governo: a composição com os emergentes, no cenário de uma ordem internacional multipolar.

Para ambos, será cada vez mais difícil equilibrar-se entre dois polos em rota de confronto.

Encontro marcado

O eleito em outubro poderá ter uma imagem algo mais nítida

desse cenário logo no mês seguinte, quando a Indonésia recebe os chefes de Estado e de governo do G20. Será o primeiro encontro desse porte desde a invasão russa à Ucrânia, em fevereiro, e deve coincidir com o momento crítico para a Europa assegurar o fornecimento de gás para o aquecimento doméstico no inverno. Nas últimas décadas, o velho continente, especialmente a Alemanha, perseguiu uma política energética baseada em grande parte na importação do gás produzido pela Rússia.

O titular do Kremlin, Vladimir Putin, já confirmou presença na cúpula do G20, assim como o presidente da China, Xi Jinping. Os anfitriões trabalham desde já no protocolo e nas operações mais discretas da diplomacia, de maneira a administrar com o menor desgaste possível o encontro dos dois com o

presidente americano, Joe Biden, e os líderes europeus.

Transição na vizinhança

Também não devem escapar à atenção dos candidatos e de suas assessorias os movimentos iniciais do novo governo da Colômbia, o primeiro de esquerda em dois séculos de história republicana e independente. Empossado há menos de duas semanas, o ex-guerrilheiro Gustavo Petro anunciou uma política de “paz total” com os grupos armados remanescentes e promoveu uma mudança no comando das Forças Armadas e da Polícia Nacional — semelhante à PM brasileira, porém subordinada ao poder central.

Para atender à exigência de que nenhum comandante tenha como subordinado um militar com mais tempo de serviço, meia centena de

oficiais-generais foram passados antecipadamente para a reserva: 22 da Polícia Nacional, 16 do Exército, sete da Marinha e três da Força Aérea. Sintomaticamente, o comando das Forças Militares foi entregue ao general que, até então, respondia pelo combate à corrupção nos quartéis.

Ordem unida

A nova cúpula militar recebeu do presidente duas orientações que buscam reforçar a operação visível de uma mudança de curso nas diretrizes para o setor. Petro cobrou dos generais que concentrem o empenho na proteção da Amazônia e na repressão ao desmatamento. Paralelamente, firmou como diretriz para o Ministério da Defesa a formulação e implantação de uma política de “segurança humana”.